

Linha da vida feminista e performatividade da esperança numa pesquisa etnográfica

Ana Luiza Krüger Dias¹
Joana Plaza Pinto²
Eliane Gonçalves³

Resumo: Este artigo reflete sobre a linha da vida enquanto teoria e prática feminista, explorando sua potencialidade na geração de dados etnográficos e seus efeitos na construção performativa da esperança. Seu uso enquanto metodologia de pesquisa, motivado pelas experiências das autoras e por pressupostos metodológicos feministas, possibilita uma construção narrativa multimodal e coletiva que enseja efeitos como a tomada de consciência sobre si, a formação de vínculos e a construção de estratégias de ação política. Argumentamos que, enquanto metodologia, a linha da vida permite vislumbrar a costura entre trajetórias textuais, corporais e materiais, e implica numa postura ética de participação e questionamento dos procedimentos de pesquisa, oportunizando uma experiência etnográfica colaborativa.

Palavras-chave: Etnografia; metodologia; feminismo; pragmática.

Abstract: This article discusses the lifeline as feminist theory and practice, exploring its potential in generating ethnographic data and its effects in the performative construction of hope. Its use as a research methodology, motivated by the authors' experiences and by feminist methodological assumptions, allows the construction of a multimodal and collective narrative that gives rise to effects such as the awareness of oneself, the formation of bonds and the construction of strategies for political action. We argue that, as a methodology, the lifeline workshop allows us to see the links between textual, corporal and material trajectories, and implies an ethical stance of participation and questioning of research procedures, providing an opportunity for a collaborative ethnographic experience.

Keywords: Ethnography; methodology; feminism; pragmatics.

¹ Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. Bolsista da CAPES.

² Doutora em Linguística (Unicamp). Professora Associada da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ-2/CNPq

³ Doutora em Ciências Sociais (Unicamp). Professora Associada da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil

Introdução

Neste artigo, procuramos refletir sobre uma perspectiva feminista de construção etnográfica de dados que é, ao mesmo tempo, uma construção performativa da esperança (AVRAMOPOULOU, 2017). A partir de nossas experiências com a oficina da “linha da vida” enquanto teoria e prática feminista, exploramos numa pesquisa etnográfica sua potencialidade como metodologia capaz tanto de expandir as práticas tradicionais de se fazer pesquisa, geralmente ancoradas em lógicas dominantes limitadoras, quanto de atuar performativamente na esperança de sociabilidades alternativas (POVINELLI, 2011). Defendemos, juntamente com Rhoda Linton (1997) que, mais do que uma teorização sobre o feminismo, uma metodologia feminista para nós, que nos autoidentificamos como feministas, é um *fazer quem somos*.

A oficina da linha da vida é uma costura entre pressupostos políticos e teóricos, bases metodológicas, contextos históricos e experiências diversificadas com a própria oficina (cf. ALMEIDA, 2013; CAMURÇA, 2007; COSTA, 2006; LIMA, 1988; SILVA, 2015). Em texto pioneiro sobre o tema, Maria José de Lima (1988) salienta que o trabalho com a linha da vida no Brasil surgiu no contexto do movimento feminista do Rio de Janeiro na década de 1970, como forma de verbalização e apropriação pelas mulheres de sua própria história de vida, numa recuperação da palavra politicamente silenciada.

Segundo Lima (1988), a linha da vida surgiu a partir dos chamados *grupos de autoconsciência*, nos quais “se inter-relacionam, de um lado, os questionamentos, inquietações e experiências e, do outro, os conhecimentos, as investigações e a produção de estudos sobre as mulheres” (LIMA, 1988, p. 39), investigando as raízes sociais dos problemas individuais experienciados por mulheres. Paralelamente ao trabalho com os grupos de autoconsciência no movimento autônomo de mulheres do Rio de Janeiro, é possível rastrear que feministas estadunidenses também utilizavam a técnica dos grupos de reflexão originária dos revolucionários chineses como um despertar da consciência política.

Como variante do trabalho com os grupos de autoconsciência, Marta Zanetti passou a desenvolver a linha da vida no âmbito do CEAMI – Centro de Estudos e Assistência Materno-Infantil, levando-a a público pela primeira vez em 1979, durante o I Encontro da Mulher Mineira, conforme informado pelo relatório do *Seminário dos Direitos da Reprodução*, realizado em 22 de setembro em 1984, na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (COSTA, 2006; LIMA, 1988). Dos grupos feministas de autoconsciência, a linha da vida transbordou para as práticas da educação popular feminista. Suely Gomes Costa (2006) destaca que, nos anos 1980, derivam desta metodologia a criação e o desenvolvimento de diversas políticas públicas, especialmente as voltadas à saúde da mulher. O Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), ao qual duas de nós nos ligamos (uma diretamente e outra indiretamente), foi uma dessas políticas públicas decorrentes das ações do movimento feminista e, em suas cartilhas e diretrizes, fez uso de várias metodologias advindas do

movimento. Conforme Costa (2006), o impacto das ações catalisadas pelas oficinas com a linha da vida a partir dos anos 1980 no Brasil permanece ainda pouco avaliado, documentadas principalmente em coleções privadas, de acesso restrito.

Cada uma de nós já experimentou a linha da vida em momentos diferentes das nossas histórias no feminismo e na metodologia feminista, indicando os percursos variados das transmissões intergeracionais no feminismo brasileiro (GONÇALVES, 2016). Eles estão intimamente ligados ao processo de reabertura política no Brasil nos anos 1980 e à (re)organização de grupos feministas em todo o país. O campo aberto pela sociedade civil no processo de redemocratização em 1979 mobilizou experiências que remontam a diferentes grupos feministas nos campos da saúde e da sexualidade. Nesse momento, uma parte importante do movimento social feminista brasileiro visava à construção de identidades e coalizões das mulheres, a partir da organização de diversas oficinas sobre saúde da mulher, sexualidade feminina, igualdade de gênero, entre outras. Nessas oficinas, as experiências pessoais eram compartilhadas e politizadas, e um terreno comum coletivo construído foi a estrutura de uma política do feminismo.

Um momento particularmente importante na disseminação das pedagogias feministas a um conjunto de profissionais ligadas ao então já implantado PAISM nas secretarias de saúde de vários estados brasileiros foi o curso “Educação sexual: teorias e práticas educativas”, oferecido pela Fundação Carlos Chagas em 1985, em São Paulo. Por três semanas consecutivas (mais de 80 horas de atividades teóricas e práticas), as participantes foram expostas a uma série de técnicas de grupo cujo objetivo era formar facilitadoras de oficinas para realizá-las em seus serviços, com as/os profissionais de saúde. Justificava-se tal empreendimento, afinal, sexualidade era um tema central na política do PAISM naqueles anos (meados de 1980) e resistências à sua abordagem eram – e ainda são – um lugar comum. A linha da vida constituía uma dessas técnicas preciosas⁴ de ativação da fala como criadora de cumplicidade entre as mulheres e de produção de um conhecimento que não separa o “indivíduo” e a “sociedade”.

Eliane localiza neste evento seu primeiro contato com a linha da vida e a partir dele, uma série de outros em formações feministas dentro e fora do âmbito do PAISM, e, de modo muito mais consistente e frequente, como educadora feminista nas ações do Grupo Transas do Corpo, organização feminista criada em 1987, ao qual Joana se integrou nos anos 1990. Joana aprendeu a oficina feminista de linha da vida assim que começou a participar como educadora feminista nos anos 1990 no Grupo Transas do Corpo⁵. O grupo realizou a oficina linha da vida predominantemente para discutir sexualidade feminina, e foi com este tema que Joana conheceu esta oficina, “sem dúvida uma das experiências mais libertadoras da minha vida”.

Esse contexto é central para entender os objetivos e o desenho da oficina feminista sobre sexualidade feminina. A oficina era realizada em contexto de formações feministas mais amplas (em geral cursos) para construir uma linha narrativa da vida de

⁴ Outras técnicas: modelagem com massa; “role play”; jogos corporais e uso de recursos diversos para gerar conhecimento e crítica social: fotografia; audiovisuais, cartilhas etc.

⁵ Cf. <https://transasdocorpo.org.br/>.

cada pessoa⁶ presente, que pretende basicamente 1) promover uma oportunidade para cada pessoa narrar sua experiência singular no campo da sexualidade sem avaliação nem interrupção; 2) promover uma oportunidade para um grupo de pessoas – eventualmente não relacionadas entre si previamente – se reconhecer em situações semelhantes enquanto cada uma escreve palavras-chave ou frases relativas às suas histórias de vida numa única superfície comprida de papel. A Figura 1⁷ é exemplar: trata-se de um momento da oficina num curso de formação feminista realizado pelo Grupo Transas do Corpo em 2003. Na foto, vemos que o grupo de mulheres participantes deixou as cadeiras e se instalou no chão, ao redor da superfície do papel, escrevendo as palavras-chave ou frases curtas da narrativa de cada participante. Esta configuração espacial é performativa, na medida em que instaura uma proximidade física e uma cumplicidade narrativa, já que quem escreve no papel não é quem fala e o resultado final é ao mesmo tempo um artefato em papel com várias caligrafias e um contínuo narrativo compartilhado, potencializando o auto e o mútuo conhecimentos próprios da narrativa: “Nós nos conhecemos quando usamos a narrativa para apreender experiências e navegar nos relacionamentos com os outros” (OCHS & CAPPS, 1996, p. 21).

Figura 1 – Cena de uma oficina da linha da vida



Fonte: Grupo Transas do Corpo (2003)

Os princípios norteadores da linha da vida – respeito ao sigilo e o apoio emocional mútuo – acabam promovendo uma performance na qual a vergonha e o receio de compartilhar experiências íntimas e delicadas com pessoas desconhecidas se

⁶ A oficina era feita, em geral, com mulheres; mas em alguns casos, as formações incluíam homens (como em cursos para profissionais de saúde), que também participavam da oficina.

⁷ As imagens capturadas em fotos e vídeos utilizadas neste artigo foram distorcidas para manter o anonimato das participantes.

encontram com a possibilidade de escuta sem interrupção ou julgamento, e as sensações de isolamento e desamparo se encontram com o reconhecimento de que outras mulheres viveram ou estão vivendo situações similares. A escuta de outras histórias se transforma, assim, em *insights* sobre si e representa uma esperança para desenhar uma sociabilidade alternativa, numa experiência ao mesmo tempo singular e coletiva, geralmente avaliada como agregadora e emancipatória, uma espécie de efeito terapêutico duradouro capaz de fortalecer ações concretas em conjunto.

A seguir, apresentaremos o contexto de adaptação dessa metodologia feminista para a construção de dados numa pesquisa etnográfica. Em seguida, mostraremos as principais configurações que tais dados tomaram durante e depois de sua construção. Finalizamos com uma reflexão sobre o potencial dessa metodologia para a pesquisa feminista como projeto de transformação do mundo.

Adaptando A Linha Da Vida Para Um Contexto De Pesquisa

Além das experiências anteriores com a oficina, a proposta de uso da linha da vida como metodologia para geração de dados etnográficos se baseia em dois pressupostos metodológicos. O primeiro deles remonta à geração de dados durante a tese de doutorado de Joana (PINTO, 2002). Naquela ocasião, no lugar da tradicional entrevista individual, ela promoveu três entrevistas em pares, intercalando os/as entrevistados/as em diferentes combinações de acordo com categorias tradicionais de gênero (mulher, homem). Ao invés de entrevistar indivíduos isoladamente, como o modelo tradicional da entrevista longa preconiza, a escolha de realizar entrevistas com pares pretendeu explorar identidades de gênero enquanto estilizações relativas a outras estilizações (CAMERON, 1995; BUTLER, 1999), ou seja, como um conjunto de marcas em quadros de comportamentos comparativos. As combinações de pares procuraram criar condições de coalizão-confronto entre sujeitos nomeados por diferentes sintagmas nominais, ‘homem’ e ‘mulher’. A questão metodológica era: até que ponto a presença de corpos linguisticamente marcados como iguais produz um discurso diferente em relação à presença de corpos linguisticamente marcados como diferentes?

A segunda base metodológica é a discussão de Rhoda Linton (1997) sobre a conceptualização grupal enquanto metodologia feminista de pesquisa. A fonte da discussão de Linton foi sua insatisfação com os limites impostos por certas práticas de pesquisa. Ela percebeu que esses limites incluíam sistemas de crenças eventualmente denominados “paradigmas” (KUHN, 2005), e que esses sistemas haviam sido criados, usados e promulgados como uma norma a ser seguida, predominantemente por homens brancos ocidentais em estudos acadêmicos ou outros ambientes “científicos”. Linton (1997) argumenta que uma perspectiva feminista pode introduzir novas maneiras de ver e fazer pesquisa. Ela concentrou seus esforços críticos para construir uma metodologia de *conceptualização grupal*, devido ao seu potencial de incentivar a ação de grupo, criar solidariedade entre mulheres e alcançar mudanças sociais. Ela trabalhou, então, no

desenvolvimento de um processo específico de conceptualização combinando texto e dados numéricos que poderiam ser usados por indivíduos e grupos. A autora defende o trabalho de pesquisa “em processo” como parte de um movimento dinâmico – um enorme esforço conjunto para criar, entender e permutar não apenas o que sabemos, mas também como sabemos.

A perspectiva de Linton é um dos pontos fortes da epistemologia feminista (DEVAULT, 1999; FONOW; COOK, 1991; HARAWAY, 1995; HARDING, 1987; RAMAZANOGLU; HOLLAND, 2002; STANLEY; WISE, 1993) que tanta contribuição tem dado à crítica à ciência e aos modos de fazer pesquisa tradicionais. Se não há um método especificamente feminista, já que o método científico possui suas convenções para qualquer ciência (HARDING, 1987), é na concepção de ciência e nos aspectos éticos de fazer pesquisa que a perspectiva feminista se diferencia ao não dissociar teoria e prática, saber e ação e, sobretudo, sujeito e objeto.

Caroline Ramazanoglu e Janet Holland (2002) situam três desafios para a pesquisa feminista: refutar a crítica a uma ciência politicamente comprometida que, assim sendo, não possui validade e autoridade; admitir que gênero não opera isoladamente, mas de modo articulado a outras opressões de raça, classe, sexualidade, geração, língua, entre outras, produzindo assimetrias de poder e que, portanto, a experiência das mulheres difere numa mesma cultura e não apenas de uma sociedade para outra; por fim, desembaraçar-se das disputas entre correntes de pensamento (liberais, marxistas, pós-estruturalistas etc.), fixando um solo comum que possa ser reconhecido e validado numa comunidade mais ampla.

A decisão de adaptar a oficina da linha da vida sobre sexualidade feminina para uma oficina da linha da vida sobre migração de estudantes num contexto de pesquisa em Linguística surgiu em 2017 no âmbito do projeto coletivo de pesquisa *Corpos em trânsito, metapragmáticas e ideologias linguísticas na migração estudantil para o Brasil*⁸, ao qual estava vinculada a pesquisa de mestrado de Ana Luiza à época, que articulava as noções de trajetórias de vida, repertórios linguísticos e formação de redes na migração estudantil transnacional para o Brasil⁹.

Desde 2015, a pesquisa vem produzindo dados etnográficos de diversos tipos, que incluem observações de campo, convivência, entrevistas individuais, contatos virtuais, atividades de grupo, sobre intersecções metapragmáticas e corporais com estudantes em contexto de migração estudantil transnacional (DIAS; PINTO, 2017a, DIAS; PINTO, 2017b; PINTO, 2018; CRUZ; PINTO, 2018). As/Os estudantes migrantes participantes são alunas/os vinculadas/os ao Programa Estudantes Convênio – Graduação (PEC-G), um programa interministerial (Ministério das Relações Exteriores e Ministério da Educação) criado em 1965¹⁰ e que oferece a estudantes de países em

⁸ Projeto coordenado por Joana Plaza Pinto. Vigência: 01/03/2016 a 31/12/2021. Agradecemos ao CNPq que financiou esta pesquisa na forma de auxílio (Processo 426978/2018-8).

⁹ Agradecemos às participantes da pesquisa pela confiança e disponibilidade. Agradecemos também à equipe da pesquisa, aos membros da banca e ao CNPq pelo auxílio à pesquisa em forma de bolsa.

¹⁰ Atualmente regido pelo Decreto nº 7.948/2013.

desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais, culturais ou científico-tecnológicos a oportunidade de realizar seus estudos de graduação em instituições brasileiras de ensino superior. O programa insere-se, portanto, num contexto de aumento da mobilidade no sul global, associado à internacionalização acadêmica enquanto um dos projetos do estágio atual da globalização. À época da primeira construção da linha da vida, a pesquisa contava com seis participantes mulheres e dois homens, na faixa etária de 19 a 27 anos, estudantes de cursos das áreas de Ciências da Saúde, Biológicas, Agrárias, Engenharias, Sociais Aplicadas e Letras/Artes, advindas/os das regiões do Caribe, América Central, América do Sul, África Ocidental e Leste Asiático.

A proposta de trabalho com a oficina da linha da vida foi motivada por suas características como uma oportunidade narrativa biográfica focada em trajetórias migratórias. A noção de trajetória é central para entender o potencial da linha da vida que intuimos como metodologia para geração de dados etnográficos nesse contexto, haja vista que a própria concepção da linha pressupõe um processo de rememoração de eventos passados, percepção do momento presente e imaginação de um futuro, num processo de reconstrução retrospectiva de trajetórias de vida fragmentadas de modo a gerar narrativas coerentes com os recursos linguísticos e semióticos disponíveis e que façam sentido no contexto local em que se insere (OCHS & CAPPS, 1996). Ao mesmo tempo, a dinâmica de escuta e de troca da oficina da linha vida evidencia como tal construção é um processo permanentemente aberto e conjunto, na medida em que permite que as participantes encontrem na escuta umas das outras repertórios que dizem sobre suas próprias experiências, criando novos significados para elas e se apropriando de suas trajetórias a partir de outras perspectivas.

Buscando oportunizar, portanto, uma experiência narrativa conjunta entre pessoas com trajetórias migratórias e recursos linguísticos diferentes, convidamos diversas/os participantes da pesquisa a participar de um primeiro encontro, para o qual duas estudantes compareceram. Essa experiência acabou levando à decisão conjunta de realizarmos uma segunda oficina somente com mulheres, em razão da percepção de questões de gênero específicas às mulheres que emergiram no campo. Este aspecto contingencial fez com que emergissem das oficinas um efeito próprio, possibilitado por uma espécie de coalização temporária entre todas as mulheres envolvidas.

É claro que algumas ansiedades metodológicas atravessaram o processo de adaptação da oficina da linha da vida para contextos migratórios, principalmente porque se tratava de uma proposta de experiência etnográfica inédita para nós. Não sabíamos ao certo como transformar o roteiro das oficinas da linha da vida, concebidas originalmente para discutir aspectos da sexualidade feminina, para a construção de uma linha da vida migratória. Além disso, ocupávamos diversos lugares simultâneos em relação umas às outras e em relação às nossas experiências prévias com a própria oficina. Ao longo das experiências, pudemos compreender melhor como as negociações dessas posições se deram e foram possibilitando narrativas com desenhos e efeitos próprios, ligados às

condições da interação, da disponibilidade dos recursos em jogo e do modelo narrativo proposto.

As experiências com as linhas da vida migratórias

Sílvia Camurça (2007, p. 4) sintetiza o fundamento e o roteiro básico da oficina da linha da vida da seguinte maneira:

A linha da vida é um exercício de produção coletiva de conhecimento sobre a situação das mulheres, realizado com variações no método. No primeiro momento, cada participante recorda os momentos marcantes de suas vidas – elege três mais marcantes e escreve sobre eles. No segundo momento, cada participante conta sua história de vida, enquanto as demais escutam e uma facilitadora registra, em grande papel no chão, para que todas possam ir acompanhando os registros. Uma após outra, as histórias vão se sucedendo e as semelhanças emergindo. Para cada história busca-se, coletivamente, pelos personagens e as situações ou problemáticas vividas, sublinhar elementos da opressão e da exploração também. A etapa final, a de análise, faz-se por comentários de todas sobre os registros, identificando similaridades, levantando interrogações – ou seriam hipóteses? – estabelecendo relações com a experiência e o que nos diz o pensamento crítico feminista. *A produção coletiva da reflexão se faz na articulação entre a biografia individual de cada participante e seu contexto social e histórico* (Grifou-se).

Seguindo um procedimento similar conhecido por Joana em suas experiências prévias com a linha e adaptando-o ao nosso contexto, uma primeira oficina (com duração de 1h08min, gravada em áudio e vídeo com anuência das participantes) foi realizada em 26 de maio de 2017, com a presença de duas estudantes, além de Joana e Ana Luiza. Nos reunimos no início da noite numa sala na universidade e nos sentamos em círculo em volta de uma mesa em cima da qual colocamos uma folha de papel extensa e deixamos algumas canetas disponíveis. As participantes foram convidadas a narrar suas trajetórias de migração a partir da chegada na universidade até o momento presente, projetando um futuro após a conclusão de seus cursos de graduação, escrevendo na superfície de papel palavras ou frases que consideravam importantes, que seriam dispostas numa única linha que representava graficamente seus percursos de migração.

O excerto a seguir, retirado da transcrição da primeira oficina (1m41s), mostra a explicação da proposta da oficina para as participantes, sintetizando seu procedimento e objetivo:

Excerto 1¹¹

J.: O objetivo (.) é: é que a gente continue a conversar sobre a experiência de vocês pensando (.) <no que que a gente> pode fazer para melhorar ainda mais a recepção, né? (2.0) °e°, PEC-G aqui na UFG. E hoje eu queria fazer uma proposta, é:, que a gente trabalhasse (.) o que nós vamos chamar aqui assim de uma linha da vida na UFG (2.0) de vocês. E: (.) a gente, a proposta é que a gente faça assim (.) nós vamos construir aqui uma linha (2.0) tá? A linha, ela vai >começar<, a gente pode ver se começa ali ou aqui, vocês que sabem. Vocês é que vão dizer como que a gente vai construir, onde que começa, o quê que vai ter nela. Da chegada na UFG, aí a gente vai desenhar o percurso que vocês acharem (.) pra um futuro também. <A gente> também vai desenhar um pouco esse futuro, seja o futuro daqui até o fim da minha estadia e depois da UFG (.) do jeito que vocês quiserem construir. Então não, nós não vamos dizer como vai ser essa linha, vocês que tem que falar (2.2) Então a proposta é que a gente tente construir essa linha e depois que a gente construir, a gente *t̥ʂ* é: vai preencher essa linha com os eventos de coisas que já aconteceram, coisas que estão acontecendo e coisas que vocês gostariam que acontecessem (.) Entenderam?

Legenda: J. = Joana.

Ao longo da oficina, as participantes foram estabelecendo vários tipos de colaboração entre si enquanto iam narrando e escrevendo eventos de sua trajetória de migração no papel, construindo coletivamente a linha e se apropriando da metodologia no decorrer da dinâmica, avaliando a experiência como positiva ao final. A Figura 2 a seguir foi captada em vídeo da primeira oficina e representa um momento em que a linha é preenchida coletivamente, com mais de uma pessoa anotando as frases ou palavras ditas durante a narrativa:

¹¹ As convenções de transcrição utilizadas pela equipe da pesquisa, adaptadas das convenções de Mary Bucholtz (2000) e Rodrigo Borba (2014) para uma representação de aspectos entonacionais, temporais e de velocidade da produção vocal, são as seguintes, em que cada linha representa um aspecto da fala em interação:

- . entonação descendente
- ? entonação ascendente
- : alongamento de som
- , entonação contínua
- @ risada
- h exalação (riso leve, suspiro); cada letra marca um pulso
- # tosse
- X fala inaudível
- *t̥ʂ* fricativa retroflexa surda
- interrupção abrupta de fala
- = turnos contínuos
- [] fala sobreposta
- < > fala acelerada
- > < fala desacelerada
- ° ° volume mais baixo
- * sons falados não percussivos
- (n.n) medida de silêncio em segundos e décimo de segundos
- (.) silêncio de menos de 2 décimos de segundo
- (()) dúvida na transcrição
- () comentário de quem transcreve

Figura 2 – Primeira oficina da linha migratória: construção coletiva da linha



Fonte: Banco de dados do projeto *Corpos em Trânsito, Metapragmáticas e Ideologias Linguísticas na Migração Estudantil para o Brasil* (2017)

A Figura 3 a seguir representa o produto visual no papel ao final da primeira oficina, no qual a variedade de cores, estilos de letras e direcionamento das palavras e frases indica a diversidade de entradas de escrita durante a construção da linha:

Figura 3 – Primeira oficina da linha da vida migratória: linha desenhada no papel



Fonte: Banco de dados do projeto *Corpos em Trânsito, Metapragmáticas e Ideologias Linguísticas na Migração Estudantil para o Brasil* (2017)

Nesta primeira oficina, Ana Luiza ficou bastante calada, em virtude do que ela reconheceu a posteriori como uma posição *sui generis*: tratava-se do seu primeiro contato com a linha da vida, que só conhecia de ouvir falarem as amigas, mas não estava narrando a sua própria trajetória nela; tampouco estava participando da oficina como condutora dela, já que foi Joana quem conduziu todas as duas oficinas aqui narradas. A experiência com a oficina levou não somente a alguns redirecionamentos teóricos de pesquisa, mas também aprofundou os laços de solidariedade e afeto entre as

participantes, razão pela qual uma delas pediu que realizássemos a oficina novamente. Ainda que não tenhamos planejado que isso ocorresse, não é exatamente uma surpresa, pois já sabíamos que as metodologias feministas facilitam “a emergência de novos sentimentos e práticas sociais menos associados aos padrões de gênero e mais conectados aos interesses e desejos reais das mulheres” (PORTELLA & GOUVEIA, 1999, p. 18). Nesse sentido, estávamos dispostas a abrir espaço na pesquisa para as demandas das participantes.

Sendo assim, uma segunda oficina foi realizada no dia 09 de novembro de 2017 (com duração de 2h09min, gravada em áudio e vídeo com anuência das participantes), com as mesmas participantes da primeira oficina e mais outras duas estudantes migrantes participantes da pesquisa. Nos reunimos no início da noite numa sala de aula da universidade e, desde o início, as participantes se mostraram mais confortáveis e menos dependentes de uma condução explícita. Ana Luiza também participou mais ativamente dessa segunda oficina, interagindo com as participantes e auxiliando na construção da linha.

Nesta segunda oficina, parte do repertório linguístico usado na primeira oficina foi retomado e a experiência prévia de parte do grupo foi reportada em diversos momentos. No entanto, ainda que se repitam o procedimento e as pessoas participantes, cada experiência com a linha é única e depende das condições próprias a cada interação, razão pela qual uma nova narrativa (ou novos sentidos para uma mesma narrativa) foram construídos dessa vez. Antes do início da dinâmica com a linha, Joana propôs que nos reuníssemos em pares para nos conhecermos melhor e nos apresentarmos umas às outras ao restante do grupo. Após uma dinâmica inicial de conversa em pares e apresentação de umas às outras, nos sentamos no chão para desenhar a linha da vida migratória cujo produto final foi filmado por uma das participantes por iniciativa dela mesma. A imagem a seguir mostra um momento de interação entre o grupo e a linha no papel:

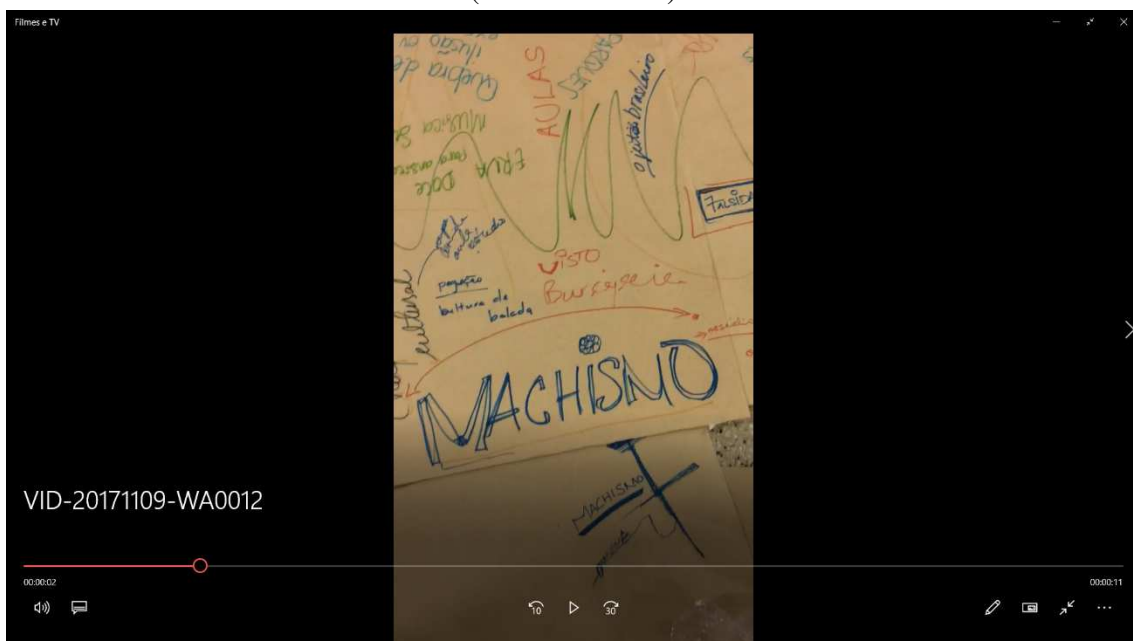
Figura 4 – Segunda oficina da linha da vida migratória: Interação entre o grupo e a linha



Fonte: Banco de dados do projeto *Corpos em Trânsito, Metapragmáticas e Ideologias Linguísticas na Migração Estudantil para o Brasil* (2017)

A linha desenhada em papel na segunda oficina ficou bastante longa, razão pela qual não foi possível captá-la numa única foto. A Figura 5 a seguir é um frame do vídeo feito por uma das participantes ao final da oficina e compartilhado virtualmente com o restante do grupo, além de ter sido postado por ela em suas redes sociais. Escolhemos mostrar este *frame* específico, com a inscrição da palavra “MACHISMO”, por ser um trecho da linha em que a própria participante que está filmando a linha dá um *zoom*, numa interpretação de que se trata, para ela, de um tópico relevante levantado ao longo da oficina enquanto experiência compartilhada por todas elas em suas narrativas.

Figura 5 – Segunda oficina da linha da vida migratória: trecho da linha no papel (“MACHISMO”)



Fonte: Banco de dados do projeto *Corpos em Trânsito, Metapragmáticas e Ideologias Linguísticas na Migração Estudantil para o Brasil* (2017)

Ao final dessa oficina, criamos um grupo no aplicativo de mensagens *whatsapp* para que pudéssemos continuar a conversar, projetando para uma plataforma virtual a rede ali construída. Esse gesto representa, de certa forma, o sentimento geral produzido a partir da experiência com as oficinas: a construção de uma rede local de apoio, o fortalecimento dos vínculos afetivos entre nós e a construção da esperança de um futuro melhor para as trajetórias narradas.

A oficina como metodologia feminista de pesquisa

Confirmamos que não há uma rigidez linear na forma de narrar o self, apenas os usos de recursos acessíveis às narradoras no contexto e efeitos performativos biográficos da experiência de narrar, conforme a literatura sobre o tema (BUSCH, 2017; OCHS & CAPPS, 1996). As linhas tortas desenhadas sobre o papel evidenciam que as noções de passado, presente e futuro se misturam, se implicam e por vezes até mesmo se contradizem, fazendo com que novos sentidos sejam continuamente projetados a partir da alteridade, num efeito performativo de recursos que são atualizados a cada nova narrativa.

Se a performatividade é o que restringe o sujeito a se constituir em processo (BUTLER, 1997), a prática de sua própria exposição – múltipla, fragmentada e repetível –, age como um “efeito de sujeito”. As obrigações desse esquema performativo subjetivo existem para o reconhecimento público do sujeito, a legitimidade de sua

performance, mas também para a responsabilidade ética da resposta na interação narrativa.

Argumentamos que a linha da vida constitui uma performance que engendra uma poética própria, na medida em que constitui uma maneira de performar os mecanismos de construção narrativa, apontando como a linguagem possibilita e/ou restringe *o que* se pode dizer e *como* dizer, em função da sequencialidade textual (BAUMAN & BRIGGS, 1990; SILVERSTEIN, 1993), dos corpos envolvidos naquela interação específica (PINTO, 2018) e das âncoras materiais que os sustentam (POVINELLI, 2006). A performance é entendida aqui, portanto, não simplesmente enquanto usos artísticos da linguagem à parte da vida ordinária, mas como um quadro que convida à reflexão crítica sobre processos comunicativos.

O uso da linha da vida enquanto metodologia também permite uma virada crítica da perspectiva etnográfica que vai do contexto à contextualização, numa atenção maior ao processo de produção discursiva do que ao produto gerado. Segundo Bauman e Briggs (1990, p. 70), o foco nos esforços interpretativos dos sujeitos em interação permite “reconhecer a maneira sofisticada que os/as performers e o público usam um padrão poético para interpretar a estrutura e o significado de seu próprio discurso” (BAUMAN & BRIGGS, 1990, p. 70)¹². Para os autores, essa mudança de foco tem profundas implicações para o trabalho de campo, na medida em que potencializa uma maior conscientização do encontro etnográfico em si enquanto um evento de performance.

A linha da vida não apenas desenha as trajetórias de vida das pessoas, mas, enquanto metodologia, costura a trajetória dos textos que compõem aquela performance verbal específica e as trajetórias dos textos que compõem uma pesquisa, desde o material teórico até a análise dos dados, com os corpos e suas âncoras materiais (POVINELLI, 2006). Considerando que toda produção linguística ocorre numa cadeia de textos que a precedem e a sucedem, a dinâmica da linha da vida tem a função, pois, de tornar mais evidente o mecanismo básico das interações: o movimento de textos entre contextos. Bauman e Briggs (1990, p. 73) nomeiam esse processo de entextualização, que significa “tornar o discurso extraível, transformando um trecho de produção linguística em uma unidade – um texto – que pode ser retirado do seu cenário interacional”¹³.

Ao construir suas narrativas de vida, as participantes estão retirando determinados textos de seus contextos originais e atualizando-os na linha, num processo não apenas de escolha de eventos significativos de suas vidas para compor a linha, mas de atualização de seus sentidos. Além disso, estão negociando as formas de

¹² No original: “The movement from context to contextualization and related concerns thus enables us to recognize the sophisticated way that performers and audiences use poetic patterning in interpreting the structure and significance of their own discourse”.

¹³ No original: “In simple terms, though it is far from simple, it is the process of rendering discourse extractable, of making a stretch of linguistic production into a unit-a text-that can be lifted out of its interactional setting”.

entextualizar trajetórias singulares numa linha única e coletiva, num *setting* interacional situado que modela os movimentos possíveis daquela performance.

As âncoras materiais de performance da linha da vida conduzem as participantes a um outro modelo comunicativo, em que os corpos se tornam mais densos na aproximação e interação intensificadas pela superfície plana única em que se escreve, pelas vozes performadas e ouvidas que criam um efeito narrativo de histórias complementares, e, por fim, pela corporalidade reconhecida como parte da narrativa – para narrar, não é possível apenas vozejar, mas também se mover, escrever, olhar, escutar, sentir no tato a superfície dura em que se acomoda, o movimento das mãos, dos olhos, das cabeça. O corpo se torna então um efeito narrativo ele mesmo, mas não se deixa reduzir à narrativa (POVINELLI, 2006), fazendo emergir na historicidade e nas relações sociais e espaciais a comunalidade do contato.

Nesse deslocamento de sentidos e significados, as participantes também criam coletivamente novas possibilidades de existência a partir da alteridade, num processo ao mesmo tempo inclusivo e limitado, que identificamos com aquilo que Ilana Löwy (2000) chama de “tradução imperfeita”:

A capacidade da ‘tradução imperfeita’ agir como força criadora e geradora de inovações aproxima-se da noção, desenvolvida pelas feministas, de um ‘universo concreto’, fundado sobre a comunicação. Em ambos os casos, a interação entre indivíduos e grupos situados e o esforço para alcançar o ponto de vista do outro situa-se na origem do enriquecimento de nossa compreensão do mundo. Não devemos, porém, esquecer que esse enriquecimento tem um preço. A tradução permite alcançar (parcialmente) um outro modo de pensamento, mas ela implica ao mesmo tempo o questionamento de suas próprias certezas (LÖWY, 2000, pp. 34-35).

Essa metodologia desestabiliza, assim, a noção de que a narração de uma trajetória de vida construída em contexto de pesquisa seria um caminho retilíneo e unidirecional, capaz de dar conta da totalidade de experiências dos sujeitos. Isso não significa, por outro lado, um relativismo vazio ou uma falta de objetividade científica, mas uma metodologia feita de “saberes parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia” (HARAWAY, 1995, p. 23).

O uso da linha da vida como metodologia de pesquisa nos ensinou ainda que a experiência etnográfica não implica necessariamente num encontro radical com a diferença ou num estranhamento total com o campo; ela também pode ser um espaço de encontro dos afetos, das afinidades, das semelhanças e da solidariedade. Alguns dos efeitos do uso da linha da vida – para fins de pesquisa ou como prática educativa – incluiriam: geração de vínculo e estabelecimento de uma rede local; reflexividade; e, por fim, discussão sobre trajetórias, que nos leva a relacionar eventos e traçar estratégias de ação para o futuro. Trata-se, assim, de uma perspectiva metodológica que, acima de

tudo, pretende ser uma experiência fortalecedora, colaborativa e subjetivamente positiva para os sujeitos envolvidos (DIAS, 2019).

Uma ética feminista para a pesquisa etnográfica

Esta questão está de fato relacionada a um importante problema ético: que atitudes éticas seriam consistentes com esse quadro metodológico? Defendemos uma metodologia de pesquisa *para e com* as/os participantes, numa estrutura que nos permita interagir com as pessoas de modo a discutir seus interesses e avaliar as repercussões de nossos estudos (CAMERON, 1992; 1993). Essa postura ética inclui não apenas o respeito pela integridade física e psicológica da/o participante; também explora o direito de questionar o assunto e o interesse da pesquisa e questionar seus procedimentos. O exercício desses direitos busca reduzir a assimetria de poder e saber estabelecida em pesquisas com falantes e também procura posicioná-las/os como sujeitos sociais com interesses próprios que devem ser ouvidas/os e respeitadas/os.

Um confronto comum com essa postura é: essa atitude de transparência e justiça em relação aos participantes invalidaria os dados? Além disso, as/os participantes seriam capazes de avançar no “equilíbrio de poder do saber” para expressar suas opiniões sobre o assunto e o interesse da pesquisa? As respostas a essas perguntas dependerão muito dos conceitos de ética e responsabilidade social que a/o pesquisadora/or tem em mente. Essas questões também são problemas teóricos que podem ser postulados. Nós simplesmente argumentamos que é o evento discursivo que opera essa relação e que esse evento não possui um estágio de “pureza” ou “integridade” que pode ser “violado” pela conscientização da/o falante. Ainda assim, podemos finalizar o artigo recorrendo a algumas premissas da metodologia feminista que ao menos provisoriamente respondem a este questionamento. Aqui seguimos basicamente Ramazanoglu e Holland (2002).

Metodologia não é o mesmo que método, embora sejam, na maioria das vezes, usados como equivalentes. O “método científico” se decompõe em um conjunto de procedimentos e técnicas com as regras que são próprias de cada campo disciplinar. Uma metodologia supõe um grau considerável de coerência com uma ontologia (a natureza das coisas e como a realidade é percebida e representada, como no exemplo de feminino e masculino considerados enquanto realidades distintas para certas abordagens) e uma epistemologia (o que conta como conhecimento válido). Um dos problemas das outras metodologias é sua “cegueira de gênero” (*gender blindness*) que frequentemente distorce a realidade ao inviabilizar a experiência das mulheres ou a aceitar como naturais diferenças que são socialmente construídas.

Como dito anteriormente, a metodologia feminista busca evidenciar as relações de poder que são constitutivas de toda experiência e a não desprezar as hierarquias que marcam inclusive as relações entre as próprias mulheres. Assim, na técnica da linha da vida que estamos descrevendo e analisando, seria pouco ou nada ético supor que haveria igualdade de poder entre as participantes. A horizontalidade praticada como princípio

favorece a comunicação, cria vínculos e, como numa relação especular, o que é dito produz reverberações, identificações, inquietações etc., que mobilizam reações acolhidas ali mesmo enquanto dura o exercício, mas prosseguem para além, com efeitos de longa duração. É o que podemos chamar de “tomada de consciência”. Todo esse processo induz a uma responsabilização por parte das pesquisadoras que, ao explicitarem seus lugares na produção do conhecimento, implicam a si mesmas e indicam – ao invés de se esconderem numa suposta neutralidade –, suas visões de mundo e escolhas políticas. Esta é basicamente a ética que modula a pesquisa feminista. Embora o feminismo não a tenha “inventado”, no sentido de que outras metodologias podem vir a seguir esses mesmos princípios, ela é feminista “na medida em que é moldada pela teoria, política e ética feministas e enraizada na experiência das mulheres” (RAMAZANOGLU & HOLLAND, 2002, p. 16).

Referências

ALMEIDA, Katianne de Sousa. Linhas da vida: uma metodologia feminista com suporte têxtil. In: *Anais do Fazendo Gênero 10*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 16-20 set. 2013. Disponível: em: http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373307562_ARQUIVO_LINHASDAVIDA-UMAMETODOLOGIAFEMINISTACOMSUPORTETEXTIL.pdf. Acesso em: 10 jul. 2018.

AVRAMOPOULOU, Eirini. Hope as a performative affect: feminist struggles against death and violence. *Subjectivity*, v. 10, n. 3, p. 276-293, set. 2017.

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. *Annual Review of Anthropology*, v. 19, p. 59-88, out. 1990.

BORBA, Rodrigo. *(Des)aprendendo a “ser”*: trajetórias de socialização e performances narrativas no Processo Transexualizador. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. 206p.

BUCHOLTZ, Mary. The Politics of Transcription. *Journal of Pragmatics*, v. 32, n. 10, p. 1439-1465, set. 2000.

BUSCH, Brigitta. Biographical approaches to research in multilingual settings. In: MARTIN-JONES, Marilyn; MARTIN, Deirdre (Eds.). *Researching multilingualism: Critical and ethnographic perspectives*. London e New York: Routledge, 2017. p. 46-59.

BUTLER, Judith. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. 2. ed. New York: Routledge, 1999.

CAMERON, Deborah. *Verbal hygiene*. London: Routledge, 1995.

CAMERON, Deborah; FRAZER, Elizabeth; HARVEY, Penelope; RAMPTON, Ben; RICHARDSON, Kay. Ethics, advocacy and empowerment: issues of method in researching language. *Language and communication*, v. 13, n. 2, p. 81-94, abr. 1993.

CAMERON, Deborah; FRAZER, Elizabeth; HARVEY, Penelope; RAMPTON, Ben; RICHARDSON, Kay. *Researching language: issues of power and method*. London: Routledge, 1992.

CAMURÇA, Sílvia. 'Nós Mulheres' e nossa experiência comum. *Cadernos de Crítica Feminista*, Recife, n. 0, ano I, p. 1-8, dez. 2007.

COSTA, Suely Gomes. Linhas da vida e associativismos feministas: 'a voz das mulheres. In: *Anais do Fazendo Gênero 7*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 28-30 ago. 2006. Disponível em: http://www.wvc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/S/Suely_Gomes_Costa_40.pdf. Acesso em: 10 jul. 2018.

CRUZ, Leticia L. da; PINTO, Joana Plaza. Metapragmáticas de um teste linguístico e ideologias linguísticas em contextos migratórios. *Muitas Vozes*, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 158-175, jun. 2018.

DEVAULT, Marjorie L. *Liberating Method: Feminism and Social Research*. Philadelphia: Temple University Press, 1999.

DIAS, Ana Luiza Krüger. *Linhas tortas, narrativas possíveis: trajetórias de vida, repertórios linguísticos e formação de redes na migração estudantil transnacional*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. 128p.

DIAS, Ana Luiza Krüger; PINTO, Joana Plaza. Ideologias linguísticas e regimes de testes de língua para migrantes no Brasil. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 17, n.1, p. 61-81, jan./mar. 2017a.

DIAS, Ana Luiza Krüger; PINTO, Joana Plaza. Is there language policy for migrants in Brazil? Linguistic ideologies and three language tests. *Tilburg Papers in Culture Studies*, n. 192, 1-23, 2017b.

FONOW, Mary Margaret; COOK, Judith A. *Beyond methodology, feminist scholarship as lived research*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1991.

GONÇALVES, Eliane. Renovar, inovar, rejuvenescer: Processos de transmissão, formação e permanência no feminismo brasileiro entre 1980-2010”, *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 4, n. 7, p. 341-370, jun. 2016.

GRUPO TRANSAS DO CORPO. *Oficina Conversa de Mulher*, 2003 [online]. Disponível em: <http://transasdocorpo.org.br/index.php/multimedia/oficina-conversa-de-mulher-2003/>. Acesso em: 26 fev. 2018.

HARAWAY, Donna, Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Trad. Mariza Correa. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, abr. 1995.

HARDING, Sandra. Introduction: Is there a feminist method? In: HARDING, Sandra (Ed.). *Feminism & methodology*. Indianapolis: Indiana University, 1987. p.1-14.

HESSE-BIBER, Sharlene Nagy. *Handbook of feminist research*. Thousand Oaks: Sage publications, 2012.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 9. ed. São Paulo, Perspectiva, 2005.

LIMA, Maria José de. Linha da vida ou grupo de autoconsciência: uma reflexão sobre a ótica feminista. In: FEMPRESS-BRASIL (Org.). *Como trabalhar com mulheres*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 35-49.

LINTON, Rhoda. Rumo a um método feminista de pesquisa. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (Eds.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Trad. Brítta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro, Record e Rosa dos Tempos: 1997. p. 293-314.

LÖWY, Ilana. Universalidade da ciência e conhecimentos 'situados'. Trad. José Valter Arcanjo da Ponte. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 15-38, jun. 2000.

OCHS, Elinor; CAPPS, Lisa. Narrating the self. *Annual Review of Anthropology*, v. 25, p. 19-43, out. 1996.

PINTO, Joana Plaza. Corpo como contexto-de-ocorrência de metapragmáticas sobre o português em socializações de estudantes migrantes para o Brasil. *Linguagem em (dis)curso*, Tubarão/SC, v. 18, n. 3, p. 751-768, set./dez. 2018.

PINTO, Joana Plaza. *Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem*, Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2002. 219p.

PORTELLA, Ana Paula; GOUVEIA, Taciana. Introdução: Feminismo, Educação e Gênero. In: _____. *Ideias e dinâmicas para trabalhar com gênero*. Recife: SOS Corpo Gênero e Cidadania, 1999. p. 11-28.

POVINELLI, Elizabeth A. *Economies of abandonment: Social belonging and endurance in late liberalism*. Durham & London: Duke University Press, 2011.

POVINELLI, Elizabeth A. *The empire of love: Toward a theory of intimacy, genealogy, and carnality*. Durham & London: Duke University Press, 2006.

RAMAZANOGLU, Caroline; HOLLAND, Janet. *Feminist methodology: Challenges and choices*. London, Sage Publications, 2002.

STANLEY; Liz; WISE Sue. *Breaking out again: Feminist Ontology and Epistemology*. London and New York: Routledge, 1993.